

DOSSIÊ MODOS DE VIDA

**MODOS DE SER E DE VIVER:
A Sociabilidade Urbana**

Maria Ângela D’Incao *

RESUMO: O artigo trata de formas de sociabilidade encontradas em dois períodos históricos no sul do País: a sociabilidade ampla que pressupunha uma convivência com diferentes grupos sociais, uma relação ampla com as ruas e uma ausência de privacidade dos corpos e dos espaços e, a sociabilidade restrita, ou burguesa, a qual, por oposição, afasta os homens e as manifestações sociais da rua relegando os contatos sociais a contatos de classe social, instalando-se o cultivo da domesticidade e a privacidade dos espaços sociais, da mente e dos corpos.

UNITERMOS: sociabilidade urbana, espaço urbano, casa-rua, público e privado, modos de vida, brincadeiras de crianças.

Um desses dias saímos, um de meus sobrinhos e eu, da rua Bela Cintra e nos dirigimos, de carro, para o bairro de Perdizes e, quando passávamos pela Praça Buenos Aires, disse-lhe que adorava aquele bairro (Higienópolis) e que pretendia mesmo morar lá. Prontamente ele disse: “Mas esse bairro não é bom, a praça tem marginais e travestis!”. Retruquei-

* Professora de Sociologia da UNESP, campus de Marília, SP.

lhe alguma coisa na direção de que afinal eu não pretendia passear na praça à noite, etc., mas que a praça, aos domingos era, de fato, agradável e que eu não me importava com o que acontece na praça à noite. Já na casa deles, ao falarmos de filmes e cinemas, falamos do *Top Cine*, lá no *Top Center* e eu comentei: “Mas aquele ponto que vocês moravam era excelente, não?” (próximo à avenida Paulista e rua Brigadeiro). Comentário pronto: “Ah! era bom, mas hoje não dá mais para se andar na rua”. Eu então perguntei: “Mas você anda na rua, afinal?” Resposta: “Ando, mas só de carro”. Sua irmã, refletindo sobre o meu comentário, afirmou tranquilamente: “Mas aqui também não dá para andar na rua”. (Eles moram em Perdizes.)

Esse diálogo entre eu e meus sobrinhos pode ser considerado como um exemplo de uma experiência que nós temos não só com jovens, mas também com pessoas da geração dos 40 e de gerações mais velhas, ainda que em menor intensidade. Esse sentimento que eles expressam é muito provavelmente geral no grupo social em que vivem e é só nesse sentido que pode ser relevante refletir sobre tais sentimentos e opiniões.

Esse exemplo sugere que existe, ao que parece, uma recusa da rua, uma falência da cidade como local de interação: a rua é perigosa, deve ser evitada. Ela perde, no seu cotidiano, seu status de espetáculo e de representação social como que ela experimentou durante o século XIX e no começo do século XX no Brasil¹. O local de espetáculo e de representação parece hoje ter-se transferido para os *shopping centers* e barzinhos da moda, situados em determinados locais da cidade, para onde se vai, preferivelmente de carro e não por ônibus ou a pé.

Sem entrar na discussão sobre a justificação ou não do medo do perigo envolvido nas ruas de hoje, especialmente nas grandes cidades, acredito que vale a pena pensar nas diferenças que existem entre essa geração de 20 anos aproximadamente e as gerações de mais de 40 anos, no tocante às relações com a rua, com as pessoas de fora de casa, com os estranhos, com a sociedade, enfim.

Quem cresceu em cidades do interior de São Paulo e está hoje com mais de 40 anos, certamente cresceu brincando na rua, nas praças, nos parques e bosques ou quintais grandes cheios de árvores. Brincadeiras que envolviam irmãos, parentes e pessoas de fora da casa e da família, e que não eram necessariamente da mesma faixa etária mas, essencialmente, vizinhos. Existiam grupos tipicamente masculinos e grupos tipicamente femininos para certas brincadeiras: todavia, a interação entre os sexos era freqüente em brincadeiras, como

¹ Ver entre outros, especialmente: Sevcenko, 1983, cap. I; Needell, 1983; Costa, 1983.

“salvação” e “pique”². Era na rua que se brincava à noite de “pique” e de “salvação”, e era na calçada, quando esta existia, que se conversava e se contavam estórias e casos de assombração. Tudo era feito em grupo. Nadava-se nas lagoas e brincava-se de nadar nas poças d’água formadas pela chuva, de calção ou de calcinha, dependendo do sexo da criança. Acredito que as crianças andavam peladas até bem tarde na infância. Jogava-se amarelinha no quintal ou na rua e o mesmo acontecia com os brinquedos de roda que envolviam cantos. Pessoas que cresceram em São Paulo também têm da rua lembranças associadas com brinquedos e turmas de vizinhança.

O fato de brincar na rua, de usar a rua como algo incorporado ao quintal, à casa, incluía necessariamente um outro fato importante para os estudos de sociabilidade: a convivência com diferentes classes sociais na socialização infantil e no cotidiano social das pessoas. A convivência diária, cotidiana, corpo a corpo, entre crianças ricas, de classe média e crianças pobres, brancas, pretas, pardas, mulatas e amarelas, é um outro ponto a se observar e a se levar em conta nas diferenças entre as gerações em questão.

O movimento que a sociedade brasileira parece estar tendo é na direção de tornar cada vez mais segregados os diferentes estratos sociais e, obviamente, os raciais. O processo que exclui a rua como local de socialização³ elimina a convivência social das diferentes classes sociais. Não gostaria de ser interpretada aqui como estando privilegiando o passado, apenas chamo a atenção para uma natureza diferente de socialização que deve ter tido papel influente na maneira de ser de pessoas de minha geração e na rede social e de significados que estabelecemos durante a nossa vida.

A exclusão da rua como local de interação social provoca a distância de percepção entre si dos diferentes grupos ou classes sociais, ocasionando, entre outras coisas, o pânico advindo em grande parte da ignorância sobre os outros. Não interagindo mais, não freqüentando casas diferentes da sua, o indivíduo não pode saber muito sobre as pessoas que vivem nelas. Associa-se com facilidade pobreza com violência, com marginalidade. E, por oposição, associa-se riqueza com vida fácil, felicidade e também (por que não?) com corrupção. O outro é cada vez mais uma face desconhecida, amorfa e distante. Os corpos diferentes não se encontram e nem mesmo se tocam.

As cidades, mesmo as do interior de São Paulo, estão cada vez mais se organizando a partir da distribuição especial por renda ou classe social. Mesmo uma pequena cidade do

² Brincadeiras que envolviam em geral muitas crianças de diferentes idades, sexo e classe e que são variantes do *esconde-esconde*, e que eram praticadas ao entardecer e à noite, porque a escuridão das ruas de então ajudavam as crianças a se esconderem melhor.

³ Ver :Freyre, 1936; Da Matta, 1985; Velho, 1972.

interior paulista como Presidente Venceslau, lá nas barrancas do rio Paraná, já tem os seus pequenos bairros, tipo condomínio fechado, nos quais as pessoas de maior posse constroem suas residências, segregadas do resto das pessoas comuns. Se a cidade está em expansão, essa especialização é cada vez mais visível. Somente nas cidades estagnadas economicamente isso não ocorre. O surgimento de prédios de apartamentos é considerado como símbolo do progresso da cidade. Há, por exemplo, em Pedrinhas, uma comunidade rural de imigrantes italianos, próxima à cidade de Assis, com um prédio de apartamentos de muitos andares e, segundo fomos informados, com piscinas para os moradores. Dá-se hoje, ainda, aquilo que Maria Isaura Pereira de Queiroz observou para o século XIX na cidade do Rio de Janeiro: a adoção de um estilo de vida urbano antes mesmo da instalação da industrialização (Queiroz, 1978, p. 223). Hoje, com a existência da industrialização no país, mesmo as áreas que não têm indústria, as zonas de especialização rural, adotam o estilo de vida das grandes metrópoles do capitalismo urbano brasileiro, mesmo naquilo que elas têm de pouco confortável para a vida diária do homem que é, entre outras coisas, a vida em gavetas de concreto armado, numa região onde não haveria necessidade desta opção de moradia. Mas há o *ethos* valorizador da mudança e do progresso permeando a sociedade brasileira, e esta é apenas uma das suas manifestações⁴. Outra, nesse terreno de moradia e de cidade, seria a destruição sistemática de cidades inteiras e a transformação constante delas em outras cidades, sem outra história que não aquela da tecnologia do último tipo e da engenharia e da arquitetura construtora. Nesse processo ocorre a descaracterização das cidades como fenômenos históricos e a construção de cidades semelhantes entre si, porque a engenharia é sempre a do momento. Destroem-se assim a memória social e histórica e as raízes humanas de gerações sucessivas.

Deste processo, o que nos interessa aqui é a qualidade da socialização e da sociabilidade que o acompanha. Morando em bairros segregados, a criança, o jovem e o adulto também, evidentemente, passam a se relacionar somente com pessoas da mesma classe social, cada vez mais com seus pares, não porque saíam à rua, mas porque freqüentam as mesmas escolas e locais de classe. Os conjuntos habitacionais de apartamentos ou residências, fechados, como o Alphaville, são as soluções sociais paradisíacas para a cidade grande e pequena, onde o *playground* ou a escolinha são as únicas possibilidades de interação para as crianças na metrópole capitalista. Acredito que isto ocorre não só na

⁴ Essa questão precisa ser melhor estudada na sociedade brasileira e nas sociedades latino-americanas em geral. O modelo europeu de desenvolvimento que essas sociedades procuraram seguir no século XIX foi de certo modo suplantado pelo modelo norte-americano de desenvolvimento. Suplantar a pobreza cultural sempre foi um valor alcançado.

situação urbana capitalista, mas se dá até nas áreas de menor densidade populacional, e até em situações rurais⁵. Tomemos como cenário para exemplificar, a Alta Sorocabana, região pouco industrializada e de urbanização recente em termos históricos. Pude observar bem as transformações nessa região não só porque lá vivi durante a infância e adolescência como porque realizei pesquisas mais tarde.

O filho de fazendeiro que eu conheci lá, quando ia para a fazenda, na volta do colégio interno, costumava brincar com as crianças filhos dos empregados. Os amigos, colegas de escola ou internato, pares, portanto, que porventura viessem juntos, também interagem com a classe empregada. Hoje, muitas dessas pessoas que nasceram ou se criaram nas fazendas, andando a cavalo, nadando nos riachos e lagoas, caçando e pescando com filhos de empregados, adotam para seus filhos um estilo de vida diferente⁶. Embora produtos dessa antiga sociabilidade mais ampla, criam seus filhos de modo diferente. Seus filhos hoje, quando vão para a fazenda, levam os amigos da mesma classe social. Andam a cavalo por esporte e não por aprendizado, nadam nas piscinas e não estabelecem com os empregados mais que relações de dominação, ainda que cordiais muitas vezes. Também porque, evidentemente, a forma de contrato de trabalho transformou-se em capitalista. É bom lembrar que a relação de dominação também existia no passado, mas o fato de os corpos se aproximarem mais, certamente criou um tipo de sociabilidade diferente da atual na qual a camaradagem e afeição eram um dado.

Com esse processo de adoção de um estilo de vida urbano e estanke, aparece um outro fenômeno interessante: a disseminação de escolas privadas e leigas para as classes médias e altas. Não se deve ignorar a existência anterior de escolas religiosas para as classes abastadas desde o Brasil colônia. A existência das escolas públicas nos níveis primário e secundário são conquistas da República, e até a segunda década deste século elas encontraram dificuldades advindas da própria estrutura coronolesca brasileira que impedia a diferenciação ideológica, situação essa compatível com a própria estrutura de classes pouco diversificada (Nagle, 1985, p. 291). Todavia, a escola pública, a partir de 1930, passa a ser uma realidade e uma possibilidade válida mesmo para as classes mais altas, ainda que as escolas profissionalizantes se dirigissem para as classes pobres (Nagle, 1985, p. 273).

Paulatinamente, o prestígio das escolas públicas aumenta tanto em função do desenvolvimento do capitalismo e ascensão de parcelas da população cada vez maiores às camadas médias, como em função da valorização ideológica de propostas educacionais

⁵ O crescente repúdio à escola pública em cidades pequenas, bem como o aparecimento e disseminação de escolinhas especializadas em dança, pintura, música, natação e mesmo educação integral, etc., são sintomas da necessidade de convivência entre pares de classe social.

⁶ Dulce Whitaker, em discussões e considerações sobre a Alta-Sorocabana, chamou a atenção para esse ponto.

novas compatíveis com valores de uma sociedade que progride em direção à industrialização e democracia. O ensino da escola pública passa a ser considerado melhor que o dos colégios religiosos, em geral internatos. Nessas escolas públicas havia a presença de várias classes sociais, diferentemente do colégio interno.

Hoje, as escolas públicas, nos seus primeiros graus, tende a ser freqüentada quase que exclusivamente pelos estratos menos abonados da sociedade. Ironicamente, pode-se dizer que a escola pública, que uma vez foi a possibilidade de ascensão de camadas médias, hoje é recusada por essa mesma classe média, que procura, para seus filhos, a escola privada e leiga. A escola privada e leiga vem substituir o colégio interno no momento em que, entre outros fatores, há uma disseminação, entre as camadas médias ascendentes, (por volta da década de 60) do cultivo das crianças como centro do lar⁷ e, além disso, a adoção da noção de escola como local de ciência e não somente local de aprendizado de maneiras e de religião. No colégio interno a educação ficava muito pouco por conta dos pais e muito mais por conta dos padres e freiras. Será com a introdução e difusão dos ensinamentos da Escola Nova no Brasil (que, acredito, se tornam hegemônicos na década de 60, no Estado de São Paulo), acrescidos do valor que a escola passa a ter nas reivindicações das classes sociais emergentes, que temos a crença na família como principal responsável pela educação das crianças e o próprio cultivo da família centrada na criança. A nova família vai assumir para si a tarefa de educação da criança e, para tanto vai investir nisso em muitos sentidos e direções relativas à sociabilidade diferenciada.

Um ponto que vale a pena ressaltar para os nossos propósitos é que a criança das classes médias ascendentes passa a se ocupar mais e mais com tarefas escolares. Antes, as crianças iam à escola, faziam lições sozinhas, aprendiam quando muito um instrumento musical, e o resto do tempo era reservado às brincadeiras, para alguns estratos, e trabalho doméstico dividido com brincadeiras, para outros⁸. Hoje, além de irem à escola, as crianças têm muito mais tarefas “de casa”, envolvendo os adultos nessas tarefas. Além disso, há uma

⁷ Toda a Psicologia da Educação e Pedagogia ensinada e aprendida nas escolas de formação do professor primário (a Escola Normal) sublinharam este aspecto: a importância da criança na escola e no lar. Tomo a década de 60 por entender que, no Brasil, é nesse período que se dá um alargamento das classes médias e uma procura maior de instrução como via de ascensão social. Uma série de modificações e inovações no tocante à família ganha um número cada vez maior de adeptos nesse período; entre elas, a concepção do casamento por amor e a igualdade entre os cônjuges, onde o trabalho da mulher fora de casa passa a ser um valor a se procurar, em oposição ao casamento por interesse e a hierarquia por sexo.

⁸ Que eu saiba, não existe ainda um estudo que tenha feito essas comparações históricas entre as horas de lazer desorganizado, digamos assim, e o trabalho escolar e lazer organizado entre as crianças. Seria importante medir essas mudanças comparativamente, uma vez que elas tiveram, sem dúvida, um papel na conformação do homem requerido pela sociedade em questão.

crescente demanda, por parte das famílias e da sociedade, de uma educação complementar às crianças. Busca-se então: o desenvolvimento do corpo (uma vez que o ser humano anda cada vez menos) através de natação, jogos, ginástica, dança para as meninas, lutas para os meninos; a educação artística, através de um instrumento musical; a ampliação da comunicação através dos cursos de línguas, etc.

No final, a criança e o jovem têm muito pouco tempo para brincar. Além disso, a recreação se torna obrigatória na sociedade atual, onde a máquina é sempre uma das alternativas mais prováveis de interação, seja ela em forma de brinquedo ou em forma de televisão. O brinquedo industrial é, pois, um símbolo de qualidade de vida e nele a interação humana pode ser dispensável. Restam os fins de semana, para os quais as escolas, algumas vezes, se encarregam de organizar passeios; outras vezes são festinhas de coleguinhas de escola ou encontros em certos pontos da cidade para conversar, tomar sorvete, drinques, quando se é mais velho, alguma dança em discotecas da moda, encontro em casas de amigos, e creio que é só. Circulam, pois, em lugares pré-determinados pela sua classe ou grupo e estilo de vida, excluindo e sendo excluídos pelo resto da sociedade.

A rua e a praça são excluídos como espaço social cotidiano de estar e de integrar e se recrear e se transformam quase que unicamente em espaços de passagem e, no caso do Brasil, especialmente de passagem de carros e motos⁹. Isso toca necessariamente num outro ponto que merece um pouco de reflexão: a tecnologia industrial e suas possíveis relações com a sociabilidade humana e com o urbanismo. Brasília é um ótimo exemplo concreto da nova concepção urbana. Há poucos lugares para a interação humana na cidade planejada e moderna de Oscar Niemayer e muitas vias para se dirigir com conforto, sem falar na setorização profissional e por renda.

Tomemos o hábito do automóvel: esse hábito não é próprio só das cidades grandes, onde então talvez se pudesse dizer que provém só da necessidade de vencer distâncias; é hábito também das cidades pequenas do interior. Quando se anda sempre de automóvel, percebe-se a cidade de um modo diferente daquele que se perceberia se se andasse a pé. E a cidade também percebe a pessoa de um modo diferente. Andando a pé pode-se, se se é novo em uma cidade, conhecer e dar-se a conhecer às pessoas que estão por onde se transita, tanto na vizinhança, como na cidade como um todo. Podem-se observar os quintais, os jardins domésticos, os objetos, as casas e, claro, as pessoas.

⁹ Quando se mora no interior, e talvez em bairros operários de São Paulo, pode-se observar melhor a força de dois movimentos: o da modernização a que estou me referindo e o da antiga sociabilidade que se manifesta ainda em hábitos tais como o de brincar na rua, mesmo com o risco de atropelamento, e o bater papos na calçada e nas varandas. Deve-se notar que as pessoas das classes baixas ainda circulam pelas praças e ruas e em locais tais como as rodoviárias e bares que são locais de encontro.

Depois de passar algumas vezes por perto de uma pessoa, pode-se fazer ou receber um sinal de reconhecimento com a cabeça ou com os lábios ou olhos, pode-se cumprimentar e ser cumprimentado. Algum tempo depois pode-se parar e trocar algumas palavrinhas e estabelecer alguma relação de conhecimento que, venha ela a ser profunda ou não, jamais teria a chance de existir se se andasse só de automóvel. O automóvel é, nas relações sociais, uma espécie de armadura que protege seu usuário contra as pessoas estranhas; ele contribuiu para que o vejam menos como uma pessoa e mais como proprietário de um carro, bom ou ruim. Mesmo no caso de se ser antigo numa cidade, o carro acaba dissolvendo ou reduzindo uma rede de conhecimentos de portão, de rua, de vizinhança, a qual servia antes, entre outras coisas, para trocar informações, saber dos acontecimentos locais, passar o tempo, fofocar que fosse, enfim, para uma forma de convivência social que o cumprimento pela janela do automóvel não sustenta. É comum ouvir pessoas lamentarem não ter sido informadas da morte de pessoas conhecidas e residentes no mesmo bairro, nas cidades do interior. Em São Paulo, nem se diga.

A televisão tem tido também um papel fundamental na diferenciação da sociabilidade. Por ser um ponto familiar, limito-me a duas observações sobre ela: a televisão não só ocupa as pessoas em casa, empobrecendo as cidades à noite de outras formas de reunião e diversão, como também acaba com as reuniões e visitas domésticas. E é provavelmente o mais forte interlocutor doméstico, inovando assuntos e modos de ser de uma maneira inusitada para a nossa sociedade e estabelecendo, dentro da família, a solidão e um diálogo reduzido, um monólogo melhor dizendo. Trata-se, quase, de um tipo novo de interação, onde os objetos falantes são mesmo seres, agentes sociais¹⁰.

A TV, assim como o automóvel e outras máquinas, podem ser vistas como uma necessidade dentro da sociedade atual. E, de fato, o são. Todavia, não se coloca aqui em questão a necessidade ou não dessas máquinas; está-se interessado somente em pensar os objetos industriais e a relação que eles podem ter com a socialização e sociabilidades humanas.

O telefone evidentemente é uma outra máquina de comunicação social e tem, ao que parece, um significado duplo e contraditório na sociabilidade: o telefone tanto aproxima como afasta as pessoas. Se, por um lado, a voz invade a sua casa, tão logo se atende a um chamado telefônico (lembrar que as empregadas e as secretárias eletrônicas podem deter ou selecionar a invasão), o chamado telefônico interrompe, substitui ou impede um encontro dos corpos. Pode-se cultivar uma amizade por anos, às vezes por toda

¹⁰ O arquiteto Carlos Lemos, falando sobre casas, modernismo dos quartos e privacidade, observa que antigamente a família rezava junta e que hoje ouve separada.

uma vida, por telefone, sem que a necessidade de ver as pessoas, de encontrá-las, se apresente de forma verdadeiramente forte. Portanto, não se pode negar a importância do telefone para a compreensão da sociabilidade moderna. Para receber as pessoas, no entanto, tanto a casa como seus moradores devem estar arrumados: há o tempo gasto na preparação dos ambientes, dos copos, da comida, dos drinks; há o tempo gasto na arrumação do depois. Receber as pessoas implica gastar tempo e dinheiro e, muitas vezes, energia psicológica. Há, além disso, o esforço da representação dos papéis. Falar ao telefone é bem mais fácil e rápido, e muito mais distante, evidentemente.

Tanto no caso do automóvel como no caso da televisão ou do telefone, não se teria nenhuma necessidade vital de adotá-los no dia a dia, sobretudo se se vive numa cidade pequena. No entanto, são adotados e explica-se racionalmente o porquê dessa necessidade deles.

Esse fenômeno aponta para o fato de que, na verdade, a tecnologia talvez seja muito menos a causa desses fenômenos de sociabilidade do que um símbolo e um instrumento mesmo do padrão de comportamento civilizado que não só subscreve uma maneira de ser como também utiliza esses padrões para atingir posições e status mais elevados e mais de acordo com os padrões esperados pela sociedade civilizada¹¹.

Mas, adotando-se modos de vida urbanos, civilizados, circunscrevem-se limites sociais, espaços excludentes e homens diferentes. O modo de vida urbano, a vida na sociedade de produção industrial têm características próprias no que se refere à sociabilidade cotidiana ou burguesa ou simplesmente civilizada¹². O fato de todas as pessoas precisarem trabalhar (e não só as classes baixas, como antes) coloca todos, e não só os grupos de renda baixa, em situação de cumprimentos de horários. Os momentos de reunião e veiculação de opiniões e atitudes, estilos e modos que eram típicos, por exemplo, das famílias burguesas ou aristocráticas durante as horas de refeição, acabam por se reduzir aos jantares ou até mesmo aos almoços de domingo. Com isso, toda a rede interativa desse tipo de reunião vai se perdendo, vai se tornando mais apagada e menos importante como elemento de manutenção e socialização da família de classe alta.

Dá-se no Brasil, ao que parece, aquilo que Norbert Elias, na sua teoria de processo de civilização (1982, parte 2, item III), chama de *diminuição dos contrastes* entre as diferentes classes sociais uma vez que todos precisam trabalhar (sem se desconsiderar,

¹¹ Refiro-me à sociedade ocidental moderna, a seus valores e modos de ser, com os estados de alma tendendo a prevalecer sobre os do corpo. E como resultante ou determinante disso, temos a necessidade de privatização da vida bem como o cultivo da individualidade. Ver Elias, 1982.

¹² Sobre a sociabilidade burguesa, ver especialmente Elias, 1982 e 1987.

evidentemente, as diferenças de salários, que, numa sociedade como o Brasil, são infinitamente maiores que no mundo europeu). E ao mesmo tempo há, por parte dos setores em ascensão, tanto a adoção de atitudes e modos de conduta que antes eram exclusivos das classes altas como a impossibilidade de realização das antigas formas de sociabilidade e sociabilização que foram, durante muito tempo, prerrogativas das classes que não trabalhavam. A título de ilustração, por exemplo, mais uma vez: os colégios particulares eram um dos locais de transmissão dos modos e visões de mundo de uma classe civilizada. Eles funcionavam como espécie de clubes particulares das classes altas, fechados para as classes de renda baixa¹³. Com a expansão da rede pública de ensino, começa a se ver a “civilização” atingindo outras esferas sociais e é com democratização do ensino a partir de 1960 que se ganha, num processo complicado e difícil, a possibilidade de se igualarem as diferentes classes sociais através não só dos códigos e maneiras civilizadas, de uma educação civilizada propriamente dita, mas através de um pensamento científico extensivo a um maior número de pessoas¹⁴.

E com isso, a sociabilidade que fora possível num passado próximo, entre diferentes classes (por terem elas acesso às ruas e tempo disponível para os encontros sociais, fossem crianças ou adultos), acaba por se redefinir, fechando-se, restringindo-se a pequenos grupos de estratos semelhantes.

Refletindo sobre essas questões, tendo em vista a sociedade brasileira, acredito que através do estudo da sociabilidade é possível compreender muito dessas mudanças e, claro, das não-mudanças, no que diz respeito aos grupos sociais. Certamente um maior grau de liberdade individual com relação ao grupo social (seja ele família, clã, tribo ou comunidade) será sempre o mediador, o termômetro da mudança¹⁵.

Sabemos, através da história de cidades brasileiras que, no passado, houve uma tendência a civilizar, limpar e higienizar as ruas de cidades como o Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, desde o século XIX. Com isso houve a proibição não só do uso particular que se fazia das ruas como extensão dos quintais, mas também se deu a expulsão de representações sociais populares consideradas de mau gosto, como é o caso da substituição do *entrudo* e do “*você me conhece*”? pelo carnaval veneziano, como mostra Von Simson para a cidade de São Paulo (Von Simson, 1985).

¹³ Se não por outros motivos, pelo econômico certamente. Elias, para o caso europeu, fala dos manuais de educação que circulavam entre os aristocratas.

¹⁴ Não há como negar o papel e influência da ciência e do pensamento racional na conformação do modo de ser civilizado, no qual, por exemplo, o próprio distanciamento dos corpos passa a significar uma condição de higiene e saúde. Ver Elias, 1982, sobre ciência e educação.

Essa modernização a que os historiadores se referem desloca de vez as classes menos abastadas dos centros e, com elas, a sua sociabilidade e manifestações comemorativas. No exemplo citado, a transformação do carnaval veneziano, sugere uma atitude civilizatória com referência a grupos “incivilizados” que, ao praticarem os jogos do entrudo, jogavam água nas pessoas. É característica dessa atitude civilizatória a recusa a brincadeiras que envolviam a aproximação dos corpos de modo grupal e incontrolado. Do ponto de vista do código civilizado, jogar água ou laranjinhas nas pessoas está muito próximo do selvagem, porque não se pode prever quando vai acontecer. Isso tem algo a ver com a representação do corpo e, certamente, com o processo de individualização no qual nós já estávamos engajados. O corpo para se individualizar, precisa antes ser controlado; as brincadeiras precisam ser rearranjadas e recodificadas, algumas precisam mesmo ser excluídas. Como mostra Maria Isaura Pereira de Queiroz, as massas urbanas voltam para os locais centrais da cidade do Rio de Janeiro por volta da década de 50, mas dentro da domesticação da ordem (Queiroz, 1985). Numa complicada reorganização de poder entre as classes sociais. A escola de samba no Rio adota, segundo Maria Isaura, valores e maneiras de ser das camadas superiores; isso é percebido tanto na administração burocrática como nas eleições democráticas das diretorias, na competição entre elas e na escolha de temas eruditos, numa clara aceitação dos códigos civilizados dos grupos dominantes.

As ruas das cidades transformam-se pouco a pouco em lugar de representação da classe civilizada, dos cidadãos, dos homens de negócios e das mulheres coquetes e elegantes desde o século XIX. A rua, o lado de fora de casa, se torna público e nesse sentido com regras universais. Há o policiamento para se garantir o exercício da cidadania nas ruas. Por oposição, o espaço doméstico se torna privado.

Para finalizar essas colocações sobre tipos de sociabilidade, gostaria de refletir um pouco sobre a casa e o uso que é feito dela, uma vez que, entendo, que existe uma relação entre diferentes padrões de sociabilidade e a construção e uso mesmo dos espaços domésticos. Não havendo tempo para tratar adequadamente essa área importante para os estudos de sociabilidade, limitar-me-ei a fazer duas ou três observações sobre esse tópico e numa outra ocasião os retomarei com mais profundidade.

O uso que é feito, pelas famílias, de muitas das casas de concepção moderna contrasta de maneira gritante com a própria concepção arquitetônica. Procurando casa para morar, certa ocasião na cidade de Marília, SP, notei que havia, em muitas delas, mesmo nos bairros mais modernos e tipicamente de classes médias altas, um descompasso entre a arquitetura e o uso do espaço doméstico. Não raras vezes, a cozinha, projetada próxima à

¹⁵ Ver, por exemplo, Lukes, 1979.

sala de jantar e de visita, era deixada sem uso propriamente dito. A cozinha se apresentava como que em exposição - toda limpa e com todos os objetos industriais culinários à mostra -: geladeira funcionando, o fogão fechado, o liquidificador todo enfeitado, bem como a bateadeira e outros tantos objetos culinários, flores de plástico ou frutas na mesa de fórmica.

Percorrendo a casa, observava-se muitas outras coisas fora da arquitetura e a mais gritante era a cozinha verdadeira, aquela que de fato estava funcionando, em puxados ou varandas anexadas à casa original. Não raro esses puxados eram feitos de madeira, e lá acontecia o que havia sido projetado pelos arquitetos para acontecer no interior da casa, próximo às salas de jantar e de estar. E o local não era só de cozinhar: era também de estar da família e não raras vezes de comer, fazer as lições das crianças, costurar, e, enfim, de passar o dia.

A família passava a tarde por lá, reunida e em atividades que variavam dependendo da hora que as pessoas chegavam. Essas cenas reportaram-se às casas aristocráticas e senhoriais descritas especialmente em Gilberto Freyre, onde era na varanda do fundo que as mulheres, crianças e escravos passavam as suas horas, trabalhando, conversando.

Naquelas visitas senti que estávamos diante de dois códigos distintos e conflitantes: o código do arquiteto, da ciência arquitetônica com sua concepção de moradia para pessoas de nossa sociedade (melhor dizendo, concepções arquitetônicas que transmitiam um forte conteúdo de sociedade e de relações modernas) e o código do morador, ajeitando aquela estrutura à sua maneira cultural de viver onde, entre outras coisas, cozinhar é ainda atividade artesanal importante e, também, por gastar tempo, é atividade que reúne as mulheres (sejam donas de casa, empregadas, tias, avós ou sogras) e as crianças ao redor da cozinha. O modo de cozinhar é uma boa pista para se entender a sociabilidade e também as relações entre os membros da família. A cozinha é local importante de interação social¹⁶.

A segunda observação que eu gostaria de fazer é que a opção por morar em apartamento ou mesmo em casas mais modernas e menores, em áreas urbanas, implica em deixar para trás um conjunto enorme de móveis e objetos domésticos e de lidar no quintal. Esse fato sugere que há realmente um constrangimento da maneira de ser tradicional imposta pela maneira de ser urbana e pela concepção de vida moderna, que é expresso pelo tamanho e distribuição dos locais de moradia oferecidos à população. O estudo da maneira de adaptação dessas pessoas nesses espaços a-históricos, do ponto de vista social, é, sem dúvida, importante para a compreensão das transformações por que passa a nossa sociedade.

¹⁶ Ver Freyre, 1936 e Lemos, 1978.

Uma observação final vem de uma análise feita nas plantas de casas contidas nos trabalhos do arquiteto Carlos Lemos (1978). Lá podemos observar que a solução construtora dada nos tempos antigos não incluía os corredores como uma necessidade. Então é comum observarem-se nessas plantas quartos que se abriam para outros quartos e que se abriam para a sala ou mesmo cozinha. Parece que essa solução só foi possível num período em que a privacidade não era um valor social. Os corpos se encontravam quando dormiam, o que levou muitos viajantes a falarem em *promiscuidade*, palavra esta altamente valorativa da privacidade, da civilidade. Os corpos do passado não precisavam da privacidade que precisam hoje. O corredor, as saletas, as ante-salas, vão aparecer mais tarde de um modo mais geral especialmente nas casas burguesas (Lemos, 1978).

Sobre as casas de operários há a mesma tendência ontem e hoje. Segundo Carlos Lemos, examinando casas auto-construídas observa-se: primeiro a família constrói a cozinha, onde se resolvem todos os problemas da família; mais tarde, quando podem construir um outro cômodo, constroem o quarto (onde todos dormem, abandonando a cozinha como local de dormitório). E, mais tarde, quando podem, novamente constroem um outro cômodo: não um outro quarto, mas sim a sala de visitas. Essa seqüência de necessidades indica que a sala é mais importante que um outro quarto para as crianças, por exemplo. A afirmação de Lemos “a casa do pobre não evoluiu porque a pobreza não evoluiu” pode significar, além da própria idéia evidentemente contida na afirmação, a não adoção ainda, por parte de muitos setores da sociedade brasileira, de atitudes modernas, civilizadas, onde a privacidade é um dos pontos importantes e cruciais.

Para concluir, então, vamos lembrar que o objetivo principal desse texto foi tomar o processo de civilização como norteador de mudanças nas atitudes e maneiras de ser de pessoas e grupos. Dessa maneira procurou-se estabelecer diferenças entre duas gerações de classe média, separadas por 20 anos aproximadamente ou mais, tendo como referência o uso da rua e o uso da casa.

A oficialização da rua como coisa pública se contrapõe a um forte sentimento de privacidade doméstica associado com o cultivo da individualidade. Os estudos sobre o uso da casa serão úteis para revelar o quanto os membros da família cultivam a liberdade individual e com isso se libertam, digamos assim, das teias da própria família, estabelecendo necessariamente relações sociais distintas.

Da mesma maneira, os estudos sobre o uso da rua como local interativo deverão identificar uma sociabilidade mais ampla, grupal que seja, vigindo ainda hoje em São Paulo, nos bairros operários e em grupos recém urbanizados.

Recebido para publicação em maio/1992

D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, 4(1-2): 95-109, 1992.

D'INCAO, Maria Ângela. Ways of being and living: urban sociability. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, 4(1-2): 95-109, 1992.

ABSTRACT: This article is concerned with kinds of sociability found in two different historical periods in the South of the Country: the wide sociability which is related to the day-by-day life intra different social groups, a wide relationships with streets and an absence of privacy of bodies and spaces, and, the restrict or bourgeois sociability, which, by oposition, prevent men and its social celebrations from streets restricting the social contacts to a social class contact, instauring the cultivation of domesticity and privacy of bodies, mind and social spaces.

UNITERMS: urban sociability, urban space, house-street, public-private, ways of living, childrens'plays.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, J.F. *Ordem médica e norma familiar*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- DA MATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ELIAS, N. *State formation civilization*. Oxford, Basil Blackwell, 1982.
- _____. *The history of manners: the civilizing process*. Oxford, Basil Blackwell, vol. I, 1987.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1936.
- LEMONS, C. *Cozinhas, etc*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LUKES, S. *Individualism*. Oxford, 1979.
- NAGLE, J. *O Brasil Republicano 2, Sociedade e instituições (1889-1930)*. São Paulo, Difel, 1985.
- NEEDELL, J. D. *Journal of International Studies of Wordk Affairs*, vol. 25, nº 1, fevereiro, 1985.
- QUEIROZ, M.I.P. de *Cultura: sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- _____. *Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana*. *Cadernos CERU*, Série II, nº 1, 1985.

D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, 4(1-2): 95-109, 1992.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

VELHO, G. *A utopia urbana*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

VON SIMSON, O.R. de M. Os poderes públicos e a imprensa na transformação do carnaval paulistano no século XIX. *Cadernos CERU*, Série II, nº 1, 1985.